

Kaiapó - A-Ukre



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

CEDI - P. I. B.
DATA 21 05 92
COD. AHD 00005

### Visita ao A-Ukre

Nos dias 17 e 18/11, estive na aldeia A-Ukre (Kaiapó), no sul do Pará, a convite do Paulinho Paiakã, sócio fundador do NDI, para verificar "in loco" as condições em que ele pretende desenvolver projetos para os quais solicita o apoio do NDI.

É grave a situação de toda a área Kaiapó, em vista da proliferação de garimpos e da ação em larga escala de empresas madeireiras, trazendo como conseqüências, além do saque indiscriminado das riquezas existentes na área indígena, profundas alterações nas relações internas do povo Kaiapó, graves danos ambientais e perdas culturais evidentes.

Tal situação resultou na redução do espaço da liderança do Paiakã, que se viu envolvido numa teia de conflitos, mesmo dentro da sua própria aldeia, por tentar impedir a crescente onda de invasões. Reagindo ao isolamento, Paiakã passou a desenvolver (e conceber) projetos econômicos, e também ecológicos e culturais, com o objetivo de gerar alternativas para os índios frente à dependência econômica imposta pelos invasores da terra do seu povo.

São os seguintes projetos que ele desenvolve ou pensa desenvolver: (1) fábrica de óleo de castanha; (2) reserva florestal; (3) viveiro de mudas de espécies florestais; (4) pousada eco-turística de convivência indígena; (5) escola de tradições Kaiapó. Para implementá-los, Paiakã conta com algumas fontes de financiamento externo, com a competente assessoria na área por parte de Saulo Petean, com o apoio político da Funai de Belém (e de Redenção), com a participação de parte dos membros da aldeia e o consentimento dos demais.

1. A fábrica de óleo de castanha já funcionou informalmente durante o ano de 1991, produzindo cerca de 1600 litros de óleo, que foram comprados pela Body Shop. Body Shop já informou aos índios que comprará toda a produção de 1992.

A extração do óleo da castanha é feita por processo artesanal. A castanha é coletada durante tres meses de safra e armazenada na casa da aldeia onde funciona a fábrica. As castanhas são quebradas manualmente, uma a uma, e os frutos vão para uma prensa que retira o óleo bruto, que é filtrado, acondicionado em galões plásticos e escoado por via aérea. Os resíduos sólidos não têm sido aproveitados. Os índios acreditam que poderão triplicar a produção anual obtida em 1991.



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

2

Os índios ficaram satisfeitos com os resultados e mostram disposição em prosseguir no trabalho. No entanto, esta atividade não é vista pela maioria da comunidade como alternativa à extração de mogno, e sim como complementar.

2. A reserva florestal consiste de uma área de cerca de 20 Km<sup>2</sup>(?), tendo sido demarcada por picada na maior parte do seu perímetro. Sua localização é próxima da aldeia, alguns quilômetros rio acima(Riozinho?). A escolha dessa área baseou-se no intento de parte da comunidade em limitar a penetração de empresas madeireiras, não tendo sido feita nenhuma pesquisa prévia de seu potencial florestal, a não ser através de um sobrevôo, quando se constatou a existência de cerca de 150 árvores de mogno no seu interior.

A demarcação desta área resultou de um acordo entre as facções pró e contra a venda de mogno e não há garantia de que este acordo será mantido nas próximas estações de seca, quando se prevê a reentrada de madeireiras na área.

As empresas madeireiras vêm explorando mogno na área de influência da aldeia há dois anos, com equipamento pesado para abertura de estradas, corte e transporte das toras. Nos sobrevôos que realizamos, pude constatar grande número de estradas que viabilizam o acesso a quase todos os vales da área indígena. A-Ukre já está ligada por estrada à cidade de Redenção, trafegável nos três meses de seca, sendo necessárias cerca de 10 horas para esta travessia.

O objetivo da reserva é impedir a exaustão do mogno e outras espécies de madeira, além de permitir a coleta de sementes para replantio.

3. O viveiro de mudas poderá servir para o replantio de espécies de madeiras nobres e também para o adensamento de culturas de outras plantas exploráveis como o jaborandi e a própria castanha. A idéia original dos índios é de vender mudas, o que parece-me inviável já que o escoamento depende de transporte aéreo. No entanto, poderia servir para a execução de experiências localizadas de manejo de madeiras e adensamento de espécies que pudesse tornar mais rentáveis e menos trabalhosas outras atividades, extrativistas. A idéia do viveiro (por enquanto, é só uma idéia) está diretamente ligada à da reserva florestal.

4. Visitei também outra área onde Faiakã e seus seguidores pretendem implantar outros projetos. Esta área está situada a cerca de 5 minutos de vôo desde a aldeia. Constitui-se de um vale (Rio Vermelho) entre duas chapadas. A vegetação predominante é de cerrado, exceto às margens do rio, onde há floresta mais densa. Há uma pista de pouso sobre a chapada, ao lado de um barracão já construído pelos índios.



## NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

3

Os índios pretendem construir à margem deste rio uma espécie de pousada rústica, no estilo das habitações Kaiapó, para hospedagem de turistas estrangeiros. Já houve casos de hóspedes que se instalaram na casa do Paiakã, na aldeia. A pretensão dele é incentivar este tipo de turismo, mas fora da aldeia, de modo a não alterar significativamente a vida dos índios. Pareceu-me muito difícil o acesso dos turistas do local citado até a aldeia, embora para os índios a distância seja trasponível a pé, através de trilha já existente e comumente corrida. Esta área de cerrado é utilizada pelos índios para a caça e a coleta de espécies medicinais não encontráveis na floresta densa. O local é muito bonito e é fácil caminhar nas áreas de cerrado. Há cachoeiras e o rio é movimentado, mas a área em si parece menos perigosa do que outras de floresta densa. A pousada ainda é apenas uma idéia.

5. Na mesma área, junto ao barracão já construído, os índios pensam instalar uma "escola de tradições Kaiapó", que seria uma espécie de aldeia-escola a ser frequentada por índios, inclusive de outras aldeias que não A-Ukre. Ali os velhos ensinariam o manuseio de plantas medicinais, práticas artesanais, danças e outros costumes Kaiapó, para que os mais jovens não perdessem as referências culturais. Jovens e velhos, homens, mulheres e crianças, passariam ali períodos determinados, retornando depois às respectivas aldeias. Haveria, portanto, uma população flutuante, na maior parte do ano, inclusive no período de permanência de turistas na pousada. A idéia é que os turistas, neste período, conviveriam com os índios. Paiakã pretende divulgar a existência desta pousada em países do primeiro mundo.

Durante a minha estadia na aldeia, discuti os vários projetos com Paiakã e Saulo, e também com o grupo de índios homens que trabalham no beneficiamento da castanha. A solicitação que fazem ao NDI é para a criação de uma pessoa jurídica que pudesse formalizar e desenvolver os projetos dos índios, receber doações, abrir conta bancária e exportar diretamente o óleo de castanha e outros produtos florestais. Atualmente, a exploração é intermediada por uma empresa de São Paulo. Solicitaram, também, o nosso apoio para redação de projetos e contratação de consultores técnicos.

Cheguei a cogitar dois tipos de figuras jurídicas: uma cooperativa indígena, para administrar os projetos produtivos, e uma associação indígena, para os projetos culturais e assistências. Após estudos preliminares que realizamos em Brasília, a hipótese de uma cooperativa me parece descartável a curto prazo. A complexidade organizacional e o custo burocrático parecem excessivos frente ao rendimento atual da fábrica e de outras atividades extrativas. Uma verificação mais precisa deverá indicar a inviabilidade econômica atual de uma cooperativa registrada, devendo ser mais vantajosa a sistemática já utilizada,



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

através de uma empresa intermediária. Quanto à associação indígena, já preparamos uma minuta de estatuto para ser submetida à discussão dos índios, e a enviaremos proximamente, acompanhada de instruções para o seu registro. No próximo dia 02/12 receberemos aqui na sede do NDI a Sra. Barbara Zimmerman, para conversarmos sobre os projetos em questão e para obtermos maiores informações sobre o apoio que os índios já têm recebido e ainda receberão da Conservation International e Suzuki Foundation. Esta senhora já redigiu um texto em inglês sobre os vários projetos. Os índios desejam uma versão em português.

Além disso, informei aos índios que solicitaria ao CEDI o envio de um engenheiro florestal que pudesse fazer o inventário da reserva demarcada, estudar e propor um projeto de viveiro de mudas e, eventualmente, um plano de manejo do mogno para o entorno do A-Ukre. Por outro lado, solicitei como contrapartida, a mobilização dos índios para Brasília, em apoio ao projeto do Estatuto das Sociedades Indígenas, em data a ser definida posteriormente, através de entendimento entre o NDI e os mesmos.

Peço aos sócios do NDI que manifestem as suas opiniões e sugestões a respeito das demandas aqui relatadas.